

## O ser além da existência

Giovani Meinhardt\*

### 1 Horizonte histórico-contextual

O labor docente do jovem professor Zubiri, formalizado na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid, foi curto, perfazendo pouco mais de quatro anos, a saber, de setembro de 1931 até dezembro de 1935. Os apontamentos e notas do então filósofo Zubiri, o professor, foram compilados pela *Fundación Xavier Zubiri* em quatro densos volumes que totalizam 2191 páginas cujo tomos foram intitulados como segue: *Cursos universitarios I, II, III e IV*. Além disso, nesta época, Zubiri produziu introduções de livros, artigos, prólogos, ensaios, apêndices, conferências, comunicações, lições, manuscritos, esboços e textos inéditos recolhidos em dois livros, a saber, *Natureza, história, Deus* (1932-1944) e *Sobre o problema da filosofia e outros escritos*<sup>1</sup>, volume que, segundo Marquínez (2002, p. I) acolhe “[...] todo o publicado por Zubiri durante os anos de 1932-1944, que, por uma razão ou outra, não foi incluído em *Natureza, história, Deus* [...]. Estamos, portanto, diante de um volume complementar de NHD”.<sup>2</sup>

Ainda, há um terceiro livro deste período, intitulado *Introdução a filosofia dos gregos*<sup>3</sup>, fruto de sua última experiência formal como catedrático:

Na Universidade de Barcelona, entre outubro de 1941 e maio de 1942, Xavier Zubiri ministrou o curso 'Introdução à filosofia dos gregos'. Esse foi o último ano de seu ensino universitário, antes de sua renúncia definitiva da cátedra em fevereiro de 1943.<sup>4</sup> (COROMINAS, VICENS, 2018, p. XII-XIII).

---

\* Doutor em Filosofia – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Membro do Grupo de Pesquisa Liturgia e Inteligência Senciente.

E-mail: [meinhardts.g@gmail.com](mailto:meinhardts.g@gmail.com)

<sup>1</sup> Livro de Zubiri ainda não traduzido para o idioma português. Título original: *Sobre el problema de la filosofía y otros escritos*.

<sup>2</sup> “[...] todo lo publicado por Zubiri durante los años 1932-1944, que, por una u otra razón, no fue incluido en *Naturaleza, historia, Dios* [...]. Estamos, pues, ante un volumen complementário de NHD”. \* NHD: abreviação de *Natureza, história, Deus*.

<sup>3</sup> Outro livro não traduzido para o idioma português. Título original: *Introducción a la filosofía de los griegos*.

<sup>4</sup> “En la Universidad de Barcelona, entre octubre de 1941 y mayo de 1942, Xavier Zubiri dictó el curso ‘Introducción a la filosofía de los griegos’. Fue aquel el último año de su docencia universitaria, antes de su renuncia definitiva a la cátedra en febrero de 1943”.

Reportamos esse período do filósofo espanhol e de seus estudos iniciais, cronologicamente alocados até 1944, denominando-o, segundo sua atividade intelectual, de ‘Zubiri prototípico’, já que auferimos nuances teóricas que o acompanharam mais tarde. De fato, como o próprio filósofo coloca, “[...] o lapso 1932-1944 tem um sentido muito mais profundo que o de fixar a data de meus estudos. Esse lapso constitui uma *etapa* de minha vida intelectual”. (ZUBIRI, 2010, p. 25, grifo do autor).

O objetivo do presente trabalho realiza um preciso arco no tempo, aludindo uma temática emergente durante a experiência docente de Zubiri até o último suspiro do filósofo. Nesse derradeiro dia, 21 de setembro de 1983, data de seu falecimento, foram encontradas na sua mesa de trabalho as energias intelectuais finais em curso: a obra amplamente revisada por ele: *O home e Deus*<sup>5</sup>. Nesta obra volumosa Zubiri se debruça sobre um termo robusto: a religação. Reportamos os quatro volumes dos *Cursos universitários* de Zubiri e a série de produções intelectuais compilados e retrabalhados por ele em forma de livros até o ano de 1944 porque a temática já se elevava em suas primeiras reflexões. Conforme Marquínez (2002, p. VII) “Sabe-se que a questão da religação preocupou Zubiri ao longo de sua vida, chegando a uma reformulação definitiva dela em seu livro póstumo *O homem e Deus*”.<sup>6</sup>

Aqui apresentamos dois exemplos da presença da religação no pensamento de Zubiri na década de 30. A eclosão do termo foi identificada por Diego Gracia (2006, p. 59) quando Zubiri,

[...] após sua estada na Alemanha e a influência de vários autores, especialmente Heidegger [...] começa a abordar o tema da religião de uma nova forma, que não irá variar substancialmente ao longo de sua vida. A fórmula dessa mudança foi expressa no curso universitário ‘Helenismo e Cristianismo’ (1934-1935), opondo a ‘religião da vida’ à ‘religação da vida’.<sup>7</sup>

Como segundo exemplo, da mesma época, situamos um importante artigo presente tanto no livro *Natureza, história, Deus* quando em *Sobre o problema da filosofia e outros escritos*, denominado *Em torno ao problema de Deus*. Esse trabalho “Constitui a primeira formulação

---

<sup>5</sup> Livro de Zubiri pertencente a sua trilogia teológica, também não traduzido para o idioma português. Título original: *El hombre y Dios*.

<sup>6</sup> “Es sabido que el tema de la religación preocupó a Zubiri durante toda su vida, llegando a una reformulación definitiva del mismo en su libro póstumo *El hombre y Dios*”.

<sup>7</sup> “[...] tras su permanencia en Alemania y el influjo de varios autores, en especial de Heidegger [...] comienza a enfocar el tema de la religión de un nuevo modo, que ya no variará sustancialmente a lo largo de su vida. La fórmula de este cambio la expresó en el curso universitario ‘Helenismo y Cristianismo’ (1934-1935), contraponiendo la ‘religión de la vida’ a la ‘religación de la vida’.

do problema da 'religação', uma dimensão humana fundamental na qual se inscreve o problema religioso e até a possibilidade do ateísmo".<sup>8</sup> (MARQUÍNEZ, 2002, p. VI).

Zubiri (2010, p. 24) no *Prólogo à tradução inglesa de Natureza, história, Deus* testemunha o quanto a religação ocupou espaço em seus pensamentos filosóficos iniciais: "O problema de Deus revelava-se momento estrutural do homem: é a religação. Mas essa religação necessitava de ulteriores desenvolvimentos conceituais. Desenvolvimentos na linha de uma sistematização do problema". Teor sistemático este desdobrado por toda sua vida. Nesse interim, o proceder do trabalho é retroativo, analisando a evolução do conceito de religação na supracitada etapa de 1932 até 1944.

## 2 O ser não é sua vida

No penúltimo e terceiro volume dos *Cursos universitários*, ocorridos entre 1933-1934, Zubiri afirma uma curiosa questão: 'o ser humano não é sua vida'. Vejamos, de forma primordial, como tal pensamento foi registrado, irrompendo a presente pesquisa: "O homem não é 'nada' porque sua vida é caduca, mas sua vida é caduca porque o homem não é, ele não é nada. E esse nada *consiste em que o homem não é sua vida*".<sup>9</sup> (ZUBIRI, 2012, p. 539, grifo do autor).

Como primeira hipótese, aparentemente o ser humano não é sua vida porque a existência fíndia, desfalece e a atribuição do nada que o humano é não atinge a conservação dele, o humano, na vida. A vida literalmente expira. Como o ser humano poderia ser sua vida se ela, de forma mundanal, caduca? O que, do ponto de vista do propósito do trabalho, qualifica-se como um comentário brutal, conservando o ser humano no substantivo masculino 'nada'.

A pista que Zubiri nos dá contradiz a filosofia clássica como estado geral de não existência<sup>10</sup> porque esse 'nada' se reveste de consistência e determinação: o ser humano não é sua vida já que ele é nada. As questões sobre este nada abundam. O que seria esse nada no

---

<sup>8</sup> "Constituye la primera formulación del problema de la 'religación', dimensión humana fundamental en la cual se inscribe el problema religioso e incluso la posibilidad del ateísmo".

<sup>9</sup> "No es el hombre 'nada' porque su vida es caduca, sino que su vida es caduca porque el hombre no-es, es nada. Y esta nada *consiste en que el hombre no es su vida*".

<sup>10</sup> Gracia (2006, p. 71) nos brinda com um exemplo: "[...] a ciência não quer saber nada sobre nada, mas ao não querer saber já o está afirmando, ou pelo menos o pressupõe. Para a ciência, o nada é "o que não há" (*was es nicht gibt*). E, de fato, o nada não é uma entidade. O nada é não-entidade [...]" "[...] la ciencia no quiere saber nada de la nada, pero en ese su no querer saber ya la está afirmando, o al menos presuponiendo. Para la ciencia, la nada es "lo que no hay" (*was es nicht gibt*). Y, en efecto, la nada no es un ente. La nada es el no ente [...]"

emergente pensamento zubiriano? O filósofo espanhol responde tal assertiva ao contrastar brevemente o *seu nada* com o *nada* pensado pelo filósofo alemão Martin Heidegger: “Para Heidegger o não-ser, o nada, são as coisas que nos escapam, e que nos arrastam e nos atraem nessa fuga. Para mim não. Antes disso, o nada está em nossa existência com nós mesmos”.<sup>11</sup> (ZUBIRI, 2012, p. 540).

Se o nada está na existência, este nada não nega o ser, no sentido de dissolvê-lo. A díade ser e nada enceta a presença de ambos. Zubiri (2012, p. 416, grifo do autor) afirma: “Também não podemos dizer que o nada é não-ser, porque o não-ser implica sempre a presença do ser em relação ao qual se diz o não. O nada seria então algo essencialmente fundado no ser”.<sup>12</sup> Identificar nada e não ser foi avaliado por Zubiri como um equívoco. O filósofo espanhol se dispõe de forma veemente a respeito disso: “Também não podemos dizer que o nada é o *não-ser*, porque o não-ser implica sempre a presença do ser em relação ao qual se diz o *não*. O nada seria então algo essencialmente fundado no ser”.<sup>13</sup> (ZUBIRI, 2012, p. 418, grifo do autor). Por outro lado, Zubiri repele qualquer possível conjectura do *nada* corresponder ao *não ser*. O nada reporta a presença no ser. Assim, o nada toma um novo posicionamento. Zubiri (2012, p. 419) escreveu: “[...] a posição do nada é a mesma do ser”.<sup>14</sup> Agora, com o não ser dissociado do nada, chegamos a uma definição deste nada apresentada por Zubiri (2012, p. 416, grifo do autor): “O nada é apenas o *não*, não deriva do ser, mas é congênere e coetâneo ao ser”.<sup>15</sup>

O nada não é o não ser. Ser e nada estão, para Zubiri, presentes e paralelos. Esta conformidade entre o nada e o ser comprova um paralelismo ou coexistência na diferença, ou seja, tanto um como outro podem ser contrários ao mesmo tempo que estão presentes. Gracia postula (2006, p. 73) que a “[...] diferença aqui significa não apenas distinção, mas também referência, copertencimento”.<sup>16</sup>

<sup>11</sup> “Para Heidegger el no-ser, la nada, es el huirnos las cosas, y el que nos arrastren y nos atraigan en este huida. Para mí, no. Antes que eso, la nada está en nuestra existencia con nosotros mismos”.

<sup>12</sup> “No podemos decir tampoco que la nada es el *no ser*, porque el no ser implica siempre la presencia del ser respecto del cual se dice el *no*. La nada sería así algo esencialmente fundado sobre el ser”.

<sup>13</sup> “Tampoco la nada es el no ser. Esta expresión es infeliz. El resultado del no ser depende del ser del que afirma el *no*. Supuesto el ser, la nada se obtiene desde él”.

<sup>14</sup> “[...] la posición de la nada es la misma que la del ser”.

<sup>15</sup> “La nada es sólo el *no*, no deriva del ser, sino que es *congénere* y coetánea del ser”.

<sup>16</sup> “[...] diferencia significa aquí no sólo distinción sino también referencia, copertenencia”.

Aqui há uma especificidade no tratamento zubiriano da questão: “[...] do ponto de vista do ser, a contrariedade do ser e do nada não é uma destruição, mas uma conservação”.<sup>17</sup> (ZUBIRI, 2012, p. 429-430). Ao invés de respostas, a marcha intelectual de Zubiri nos gera nova perguntas: como o ser e o nada se conservam? Ser e nada aparentam, nessa altura da reflexão, estarem guardados em suas diferenças. Cabe ter presente, de princípio, que a motivação eminentemente metodológica de Zubiri preserva a diferença, porém em uma tentativa de unidade na diferença. Para Zubiri (2012, p. 419) “Uma frase infeliz é dizer que ser e nada são uma e a mesma coisa. O acento recai sobre uma e a mesma coisa, e devemos nos perguntar sobre essa unidade”.<sup>18</sup>

Como Zubiri estabelece a diferença sobre o ser e o nada, a unidade dos termos intriga por sua aparente dissociação, na qual o filósofo espanhol insiste na sua unidade sistemática. A tendenciosidade em pensar na síntese do nada e ser consiste em um itinerário não percorrido por Zubiri já que o filósofo é propositivo de outra forma. Para Zubiri (2012, p. 421) “Ser e nada não podem ser tomados separadamente. [...] A unidade do ser e do nada não é analítica, nem sintética de duas proposições lógicas, mas é uma unidade real, simplesmente una”.<sup>19</sup> A posição crítica contra um método sintético levanta a seguinte questão: como poderíamos explicar a unidade real entre o ser e o nada? Ser e nada estão mantidos e um não dissolve, desfaz ou anula o outro. Guardados em suas propriedades, seu tratamento sistemático exige pô-los em um lugar mais alto. Como a unidade do ser e do nada não são analíticas, nem sintéticas e a oposição dos polos não é simplesmente superada ou anulada, a exclusão persiste e não é dissolvida ou desvanecida. A unidade não sintética se revolve com um plano mais alto, uma espécie de ascensão a um nível superior. Zubiri (2012, p. 421) resolve a unidade do nada e do ser da seguinte forma:

A unidade entre o ser e o nada é interna. Pertencem-se de tal forma que a maneira de captar sua pertença consiste no fato de que a mente não pode se

---

<sup>17</sup> “[...] desde el punto de vista del ser, la contrariedad del ser y de la nada no es una destrucción, sino una conservación”.

<sup>18</sup> “Una frase infeliz es el decir que el ser y la nada son una y la misma cosa. El acento recae sobre una y la misma, y hay que preguntarse por esa unidad”.

<sup>19</sup> “El ser y la nada no pueden ser tomados por separado. [...] La unidad del ser y la nada no es analítica, ni sintética de dos proposiciones lógicas, sino es unidad real, simplemente una”.

deter em um ou outro, mas na inquietude interna de duas coisas incompatíveis.<sup>20</sup>

A incompatibilidade e inquietude interna entre ser e nada garantem sua pertença. O ser ou o nada por si só não teriam como pertença a inquietação, ou seja, apenas a unidade delas ratificaria a tensão que as une. Zubiri (2012, p. 421-422), então, explicita a quadratura da questão, situando-a na ontologia:

Essa inquietude deve ser levada a sério; poder-se-ia pensar que é o que surge na mente ao pensar que não pode ser obtida nem no ser nem no nada. Esta reflexão revela a unidade de ambos. E a unidade é inquietude real e ontológica, não apenas subjetiva.<sup>21</sup>

A inquietude real da mente perante termos inconciliáveis é o modelo explicativo para Zubiri determinar ser e nada em uma possível equiparação. É assumido por Zubiri (2012, p. 433) que “O ser e o nada estão fundados na unidade”.<sup>22</sup> Ora, a identidade está na inquietação. Ambos termos, incompatíveis por antonomásia, encontram sua igualdade na desigualdade que sustentam. Não obstante a insistência de Zubiri em determinar a unidade entre ser e nada, ele indica um novo termo que entra em cena: o devir. “A essência do ser e do nada unidos é o devir”.<sup>23</sup> (ZUBIRI, 2012, p. 433). Ser e nada juntos engendram uma essência particular, cuja união é o devir.

Ser e nada é algo que consiste em excluir-se. Se só pode existir no devir, essa existência coloca o problema de sua consistência mútua. Eles têm que ser distintos e, além disso, continuar se repelindo. E a unidade não é *tollere*, mas *conservare*. Conservados ser e nada em contradição, apresentam sua forma mais aguda do problema da subsistência do devir. Eles devem ser conservados pelo devir de tal forma que, além disso, ele se mantenha a si mesmo. Devir é, e por ser mantém o ser e o nada.<sup>24</sup> (ZUBIRI, 2012, p. 435).

<sup>20</sup> “La unidad entre el ser y la nada es interna. Se pertenecen en forma tal, que la manera de captar su pertenencia consiste en que la mente no puede parar en lo uno o en lo otro, sino que está en la interna inquietud de dos cosas incompatibles”.

<sup>21</sup> “Esta inquietud hay que tomarla en serio; pudiera pensarse que es la que surge en la mente al pensar que no puede obtenerse ni en el ser ni en la nada. Esta reflexión revela la unidad de ambos. Y la unidad es inquietud real y ontológica, no sólo subjetiva”.

<sup>22</sup> “El ser y la nada se fundan en la unidad. Fundamento tiene afinidad con mismidad”.

<sup>23</sup> “La esencia del ser y la nada unidos es el devenir”.

<sup>24</sup> “Ser y nada son algo que consiste en excluirse. Si no puede existir más que en el devenir, esta existencia plantea el problema de su mutua consistencia. Tienen que ser distintos y, además, mantenidos repeliéndose. Y la unidad no es *tollere*, sino *conservare*. Conservados ser y nada en contradicción, presenta su forma más aguda del problema

Vemos a partícula *é* conservar o ser e o nada. E essa conservação denomina-se *devoir*. Objetivamente, como podemos explicar isso? Nada e ser, enquanto termos técnicos empregados por Zubiri, se definem por elevação, em que cada conceito mantém seu sentido pelo lugar que ocupa na rede de relações categoriais que, por sua vez, dada a dificuldade de encontrar um fio condutor, são determinadas pelo *devoir*, fluxo permanente que os conserva. Os dois termos, o nada e o ser, não se eliminam ou são removidos, no sentido de *tollere*, mas ficam conservados. A antinomia de sua superação está na inquietação da permanência. Não são superados, mas mantidos em tensão e esse é o *devoir*: o *nada* está na existência humana.

O reverso da afirmação zubiriana, a saber, que o ser humano é sua vida, não cairia em uma aporia, mas em ilusão e equívoco. A substancial emergência da ilusão no ser humano foi contemplada por Zubiri (2012, p. 540, grifo do autor) como segue:

[...] a ilusão é a possibilidade radical e o equívoco mais consubstancial da existência humana. Não é que o homem se equivoque ou forje falsas ilusões na vida, não; não se trata de ilusões, mas de ilusão. O homem não tem o não-ser, ele tem uma existência formal e constitutivamente ilusória. Sua vida não é ele, nunca, nem mesmo quando mais se identificou com ela. A partir daqui começa toda a ilusoriedade da vida [...].<sup>25</sup>

O ser humano não inventa ou imagina ilusões. A quimera está situada em múltiplas autorias e identificações no transcorrer da existência de um indivíduo que afirmaria que o humano é sua vida. Por isso, a ilusão não encontra no humano o substantivo feminino no plural. Cabe ter presente que a existência é ilusória e a ilusão da vida está em se identificar com ela. Nesse interim, a vida aparenta um fechamento centrípeto: a existência caracteriza-se em rotunda ilusão. Novamente, no trecho acima, Zubiri destaca que o ser humano não é ele, acrescentando a existência como ilusão, inclusive para o indivíduo que acredita que a maior identificação com sua própria vida possa confirmar que o ser humano é ele. No livro *Sobre o problema da filosofia e outros escritos* Zubiri (2002, p. 202, grifo do autor) define que “[...] a ilusão consistirá em tomar por real uma coisa que não o é”.<sup>26</sup>

---

de la subsistencia del devenir. Han de ser conservados por el devenir en forma tal que, además, éste se mantenga a sí mismo. El devenir es, y por ser mantiene al ser y a la nada”.

<sup>25</sup> “[...] la ilusión es la radical posibilidad y el más consustancial equívoco de la existencia humana. No es que el hombre se equivoque o se forje falsas ilusiones en la vida, no; no se trata de *ilusiones*, sino de *ilusión*. El hombre no tiene el no ser, tiene una existencia formal y constitutivamente ilusoria. Su vida no es él, jamás, ni aun cuando más se identificara con ella. De aquí arranca toda la ilusoriedad de la vida [...]”.

<sup>26</sup> “[...] la ilusión consistirá en tomar por real una *cosa* que no lo es”.

Neste percalço, Zubiri (2010, p. 412, grifo do autor) insiste que o ser humano não é sua vida, mas acrescenta um ingrediente novo: “[...] o homem não é sua vida, mas vive *para ser*. Mas ele, seu ser, está, *de algum modo*, para além de sua existência no sentido de ‘vida’”. O ser, literalmente, extrapola a vida.

O filósofo espanhol enceta algo além da existência para qualificar a vida. A vida tem um fim e é justamente esse ‘acabar’ que atesta que o ser humano não é sua vida, conservando-o como nada. Para Zubiri (2012, p. 540-541, grifo do autor) existe “A expressão *fundamental* e radical do **nada** [...]”.<sup>27</sup> O filósofo espanhol tenta exemplificar o nada de forma existencial com a expressão ‘não somos nada’. Zubiri (2012, p. 540-541, grifo do autor), asseverou: “[...] esse ‘não somos nada’ que sentimos diante de um moribundo. E isso, não porque a vida acabe, mas porque esse fim põe diante dos olhos de quem o acompanha que ‘o homem não é a sua vida’”.<sup>28</sup>

O fim de uma vida, testemunhado por todos os que a assistem, reafirma que o ser humano não é sua vida. O filósofo espanhol tenta explicar sua tese através de dois níveis: “Sou um *ente* que é para seu ser. Mas: 1º. Não sou meu ser – se não seria Deus –, nem minha vida”.<sup>29</sup> (ZUBIRI, 2012, p. 541, grifo do autor). Se o eu fosse o *ser* ou sua *vida*, seria então Deus. O ente é para o seu ser ao mesmo tempo que não é seu ser. O ente está para o ser mas não o é, caso contrário seria Deus, o que justifica que o ser humano não é sua vida. No próximo nível Zubiri (2012, p. 541, grifo do autor) assinala:

2º. Essa diferença é obra do não-ser. Meu ser para o não ser é possível porque não se segue disso que eu precise de **um magno** ser para forçar meu ser. O homem não é apenas finito porque precisa de coisas, mas porque precisa de algo que o faça ser = Deus, Religião e Niilidade.<sup>30</sup>

O homem não é seu ser e por consequência não precisa de um outro ser para ser. Ele precisa de algo que o faça ser. Nisso, a diferença está no papel aludido por Zubiri do ser e do não-ser. Se o homem não é seu ser, nem sua vida e essa diferença é uma obra do não ser, o ente é impulsionado para o seu ser por algo que o faça ser, a saber, Deus. O humano precisa de algo

<sup>27</sup> “La expresión *fundamental* y radical de la **nada** [...]”.

<sup>28</sup> “[...] ese ‘no somos nada’ que sentimos ante un moribundo. Y esto, no porque la vida se acaba, sino porque ese acabar pone ante los ojos de los que le acompañan que el ‘hombre no es su vida’”.

<sup>29</sup> “Yo soy un *ente* que es para su ser. Pero: 1º. Yo no soy mi ser – si no sería Dios –, ni mi vida”.

<sup>30</sup> “2º. Esta diferencia es la obra del no-ser. Mi ser para no ser es posible porque no se sigue de aquí que *necesite* que **un magno** ser fuerce mi ser. El hombre no sólo es finito porque necesita cosas, sino porque necesita que algo le haga ser = Dios, Religião y Nihilidad”.

que o faça ser, mas o ‘fazer’ ser não está na ordem do ser. Qual o motivo? De acordo com Gracia (2008, p. 60)

[...] a Deus não pode ser aplicado à categoria de 'ser' nem a todos os que dele dependem (por exemplo, a do tempo), mas apenas a de 'realidade'. Em outras palavras, que Deus é uma 'realidade fundadora e fundamental', mas que não 'é', que transcende todas as categorias próprias do ser [...].<sup>31</sup>

O ser humano precisa de Deus que o faça ser. Algo que faça o humano ‘ser’ o remete para Deus. Alcança-se a correspondência entre o ser humano e Deus através de traços paralelos (sinal de igual) que o orientam para Deus. Essa ‘operação’ aparenta conceber Deus como uma exterioridade, isto é, algo que está fora do ser humano. Zubiri (2002, p. 217) contesta a exterioridade como algo fora do humano: a “[...] existência de um mundo exterior não é algo que vem ao homem de fora; pelo contrário, vem de si mesmo”.<sup>32</sup> Essa consideração leva à novas nuances sobre quem ou o que está fora, envolvendo o itinerário das pessoas no mundo. De forma inconteste Zubiri (2002, p. 76) alegou: “O 'fora', de fato, não é uma pura correlação formal, uma simples alteridade efetiva, mas implica uma direção determinada: é o mundo que está fora de Deus, mas não Deus fora do mundo”.<sup>33</sup> Poder-se-ia pensar que uma resposta que busque Deus enquanto alteridade absoluta inalcançável ou o ‘Grande Outro’ inatingível orientaria a solução da questão. Contudo, “Não se trata disso; o 'si mesmo' não é um ser 'fechado' em si, mas estar 'aberto' às coisas”.<sup>34</sup> (ZUBIRI, 2002, p. 217). Se o ser está aberto para as coisas, o humano também o está para além das coisas. Essa reflexão rompe o encadeamento do humano para a mera existência terrena ou para o exercício de conceituá-la.

Zubiri (2010, p. 414-415) sorratamente apresenta a relação do viver e seu apoio, ou seja, no ser humano o

[...] que o impulsiona a viver não significa a tendência ou o apego natural à vida. É algo anterior. É algo em que o homem se apoia para existir, para fazer-se. O homem não só tem de fazer seu ser com as coisas, mas, para isso, encontra-se apoiada *a tergo* em algo, de onde lhe vem a vida mesma.

<sup>31</sup> “[...] a Dios no se le puede aplicar la categoría de ‘ser’ ni todas las dependientes de él (por ejemplo, la de tiempo), sino sólo la de ‘realidad’. Dicho en otras palabras, que Dios es ‘realidad fundante e fundamental’, pero que no ‘es’, que trasciende todas las categorías propias del ser [...]”.

<sup>32</sup> “La existencia de un mundo exterior no es algo que le adviene al hombre desde fuera; al revés, le viene desde sí mismo”.

<sup>33</sup> “El ‘fuera’, en efecto, no es una pura correlación formal, una simple alteridad efectiva, sino que implica una dirección determinada: es el mundo quien está fuera de Dios, pero no Dios fuera del mundo”.

<sup>34</sup> “No se trata de esto; el ‘sí mismo’ no es un estar ‘encerrado’ en sí, sino estar ‘abierto’ a las cosas”.

O apoio do qual Zubiri aponta transcende as coisas ou a existência situada na vida. As coisas do mundo são fundamentais, mas por si mesmo o ser humano continua não sendo. Zubiri (2010, p. 415) assegurou: “O homem não só não é nada sem coisas, mas, por si mesmo, não ‘é’. Não lhe basta poder e ter de fazer-se. Necessita da força de estar fazendo-se. Necessita que o façam fazer-se a si mesmo”.

A aparente radicalidade do pensamento de Zubiri retira a partícula ‘é’ de qualquer associação autoafirmativa positiva com o humano. “Sua niilidade ontológica é radical; não só não é nada sem coisas nem fazer algo com elas, mas, por si só, não tem força para estar fazendo-se, para vir a ser”. (ZUBIRI, 2010, p. 415). Em uma palavra, a partícula ‘é’ em definitivo não consiste em uma tentativa para conservar o ser como existente, ou seja, o humano por si mesmo no mundo não ‘é’. Em Zubiri a partícula ‘é’ relacionada ao humano não confere identidade, particularidade ou capacidade inerente para afirmá-lo. Este ‘é’ tem algum sentido quando extrapola o puro permanecer mundanal ou existente. Por isso, categórica e insistentemente Zubiri (2010, p. 434, grifo do autor) volta a escrever:

[...] o homem não é sua existência, senão que a existência é *sua*. O que o homem é não consiste no decurso efetivo de sua vida, mas neste ‘ser seu’. [...] O ‘ser seu’ do homem é algo que, de certo modo, está em suas mãos, ele dispõe dele. O homem assiste ao transcurso de tudo, até de sua própria vida, e sua pessoa ‘é’ além do passar e do permanecer. Em virtude disso, o homem pode modificar o ‘ser seu’ da vida.

A existência não consiste em um simulacro que delimita o humano ou o encerra no seu decurso mundanal, tal como uma espécie de claustro situado na Terra. Ora, Zubiri faz uma distinção retumbante quando escreve que a existência do homem é *sua*. Há um alargamento da concepção humana para além da existência terrena, além do supracitado ‘permanecer’ na própria vida. A existência é *sua*, mas o homem não é sua existência. Zubiri (2010, p. 415, grifo do autor) reiterou: “Não se pode dizer que essa força sejamos nós mesmos. Atados à vida, não é, no entanto, a vida o que nos ata. Sendo o que há de mais nosso, dado que nos faz *ser*, é de certo modo o que há de mais outro, dado que nos *faz ser*”.

Seguindo a reflexão, Zubiri não nega que o ser humano esteja fixado à vida, mas que ela, a vida, não protagoniza tal ligação. O mais próprio que faz cada um ser está em uma intimidade atada ao que há de mais outro. Este mencionado ‘outro’ que faz o humano ‘ser’ qualifica-se como um outro que não carrega prerrogativas opostas ou ulteriores, mas que incide enquanto

alteridade *no* ser. O que há de mais outro acerca-se em proximidade, atando o ser. O que há de mais *nosso*, nosso ser, reverbera em um outro que se faz ‘nosso outro’ que assim nos faz ser. O ser humano, reflete Zubiri (2010, p. 415, grifo do autor), “[...] ao existir, não só se encontra com coisas que ‘há’ e com as quais tem de fazer-se, mas se encontra com que ‘há’ que fazer-se e ‘há’ de *estar* fazendo-se. Além de coisas, ‘há’ também o que faz que haja”.

‘Há’ o que faz que o ser humano haja. Quanto a esse ‘há’, cabem os seguintes questionamentos: ‘O que faz que haja’ seria uma obrigação? Partindo-se de algo que o faça ser, o humano estaria sendo de alguma forma coagido? Zubiri (2010, p. 415, grifo do autor) responde:

Esse fazer que haja existência não se nos patenteia numa simples *obrigação* de ser. A suposta obrigação é consequência de algo mais radical: estamos *obrigados* a existir porque previamente estamos *religados* ao que nos faz existir. Esse vínculo ontológico do ser humano é ‘religação’.

Prestamos bastante atenção aqui: a conexão ao que nos faz existir é ontológica, isto é, remete ao ser, mas a existência radicalmente se apoia na religação, não se amparando em si mesma. Todavia, a supracitada obrigação, em seu caráter simples, também foi analisada por Zubiri (2010, p. 415, grifo do autor): “Na obrigação estamos simplesmente *submetidos* a algo que ou nos é imposto extrinsecamente, ou no inclina intrinsecamente, como tendência constitutiva do que *somos*”.

Contudo, a religação produz novas nuances na obrigação que Zubiri quer comunicar. Primeiro, não há uma exterioridade que nos obriga. “Na religação estamos mais que submetidos; porque nos achamos vinculados a algo que não é extrínseco, senão que, *previamente, nos faz ser.*” (ZUBIRI, 2010, p. 415, grifo do autor).

Não há uma exterioridade que nos vincula. Zubiri sublinha que algo prévio nos faz ser. Logo, “Na religação, pelo contrário, não ‘vamos a’, senão que, previamente, ‘vimos de’”. (ZUBIRI, 2010, p. 415). Toda a suposta separação, mesmo didática, entre existência humana e Deus e sua compreensão de que a existência advém por uma lógica linear Dele, não toca a questão primordial zubiriana. Zubiri (2010, p. 429) expõe:

[...] não é que, de um lado, haja existência humana e, de outro, Deus, e que ‘depois’ se estenda a ponte pela qual ‘suceda’ ser Deus quem faz que haja existência. Não: o modo primário como para o homem ‘há’ (se se quiser empregar a expressão) Deus é o fundamentar mesmo [...].

Definitivamente, a existência humana não se fundamenta nela mesma e tal tentativa recai em ilusória autossuficiência, esfacelada desde seu início. O modo primário da existência não está na existência humana.

### 3 O nada bidimensional

O alvorecer zubiriano da *relição* conduz a múltiplas investigações. Através de seus escritos Zubiri nos fala da constitutiva indigência do ser humano.<sup>35</sup> Na perspectiva humana da qual o pensamento zubiriano se apoia, a existência lhe é enviada.<sup>36</sup> O plano abissal zubiriano afirma: “O homem recebe a existência como algo *imposto* a ele. O homem está atado à vida. Mas, [...] atado à vida não significa atado pela vida”. (ZUBIRI, 2010, p. 414, grifo do autor). A vida não ata o ser humano, mas “[...] ‘há’ o que religa, o que constitui a raiz fundamental da existência”. (ZUBIRI, 2010, p. 418). O fundamento não é o ser, mas existe sim um primeiro fundamento. Já na década de 40, no curso ministrado em Barcelona Zubiri (2018, p. 187, grifo do autor) se posicionou quanto a isso: “[...] a relação primária do homem com Deus não é cognitiva; é uma atitude do homem inteiro [...] de uma primeira e simples *relição* do homem ao seu primeiro fundamento”.<sup>37</sup> Por isso, na presente pesquisa destacaremos a soberba humana.

O ser humano não se faz e não faz a si mesmo ser. A existência tem um fundamento alhures do fundamentar-se apenas em si mesmo. O posicionamento de Zubiri (2010, p. 418) é o seguinte: “O que nos religa, religa-nos sob essa forma especial que consiste em apoiar-nos fazendo-nos ser. Por isso, nossa existência tem fundamento [...]”. Se a existência humana estivesse no próprio ser o *nada* seria a tônica. Contudo, mesmo este *nada* não seria o fim último.

O nada reporta para ao menos duas dimensões: alerta para a *relição* ou recai na soberba. A possibilidade do humano se perder, fundamentando-se exclusivamente a partir de si mesmo é real. Zubiri (2010, p. 440) insiste nesse ponto: “O homem possui uma vida; e há na vida humana, enquanto tal, a possibilidade de comprazer-se exaustivamente em si mesma”. Essa notável soberba não deixa de conjecturar uma hipótese diagnóstica para nosso tempo, cuja dureza Zubiri

---

<sup>35</sup> “A constitutiva indigência do homem, esse não ser nada sem, com e pelas coisas, é consequência de estar arrojado, dessa sua niilidade ontológica radical”. (ZUBIRI, 2010, p. 411).

<sup>36</sup> “O homem é enviado à existência, ou melhor, a existência lhe é enviada”. (ZUBIRI, 2010, p. 414).

<sup>37</sup> “[...] la relación primaria del hombre con Dios no es cognoscitiva; es una actitud del hombre entero que nosotros llamamos religión, pero no en el sentido de una religión positiva, sino de una primaria y simple *reliación* del hombre a su primer fundamento”.

(2012, p. 542, grifo do autor) estava vigilante quando escreveu: “A existência atual não está *religada*, mas **desligada**”.<sup>38</sup>

A referência ‘desligado’ demonstra que este fundamentar-se em si significa um fundamentar-se em nada. Zubiri (2010, p. 439, grifo do autor) a esse respeito nos disse que “[...] a vida *fundamentada* sobre si mesma aparece internamente *desfundamentada*, e, portanto, referida a um fundamento de que se vê privada”.

Ora, Zubiri aponta nesse trecho a ausência de força, direção ou orientação para o humano, que se vê apoiado no nada. E, o sentir esse *nada* fará toda a diferença em apropriá-lo como constituição ontológica ou não. Este conflito existe, reitera Zubiri (2010, p. 437) porque

[...] no ser pessoa está dada a possibilidade ontológica de ‘esquecer’ a religação e, com isso, de perder aparentemente a fundamentalidade da existência. Aparentemente, porque essa perda é tão somente o modo como sente a personalidade aquele que se perdeu na complexidade de sua vida.

A referida complexidade da vida identifica a vida como um absoluto, sem contrafigura alguma. O fundamento da existência se perde e o ser, entorpecido e disperso, paira na complexidade da vida. “E, na medida em que se está dissolvido na complexidade da vida, está-se perto de sentir-se desligado e de identificar seu ser com sua vida”. (ZUBIRI, 2010, p. 438). Neste estar desligado, a pessoa ainda não se sente desligada, ou seja, está desligada sem o saber, porque o sentir-se desligada já assinalaria o desligamento para algo. Concernente a isso, Zubiri (2010, p. 438, grifo do autor) afirmou: “Assim desligada, a pessoa implanta-se em si mesma em sua vida, e a vida adquire caráter absolutamente absoluto. É o que São João chamou, em frase esplêndida, *a soberba da vida*. Por ela, o homem se fundamenta em si mesmo”. Essa soberba monumental, firmada sem profundidade, tendo como base a exclusividade da complexidade da vida, manifesta sua própria dinâmica. Na soberba “[...] o êxito da vida oculta seu próprio fundamento, e o homem se desliga de tudo, implantando-se em si mesmo”. (ZUBIRI, 2010, p. 438).

Tal autossuficiência, afirmação do próprio poder e grandiosidade, levou Zubiri (2010, p. 439) a contundente reflexão: “Na verdade, mais que negar a Deus, o soberbo afirma que ele é Deus, que se basta totalmente a si mesmo”.

Deus de si, ponto centrífugo e centrípeto de tudo o que há, o soberbo apenas pode entrar em contato com sua nulidade, o *seu nada*, através do naufrágio de si e Zubiri (2010, p. 439,

<sup>38</sup> “La existencia actual no está *religada*, sino **desligada**”.

grifo do autor) referencia isso abaixo: “[...] não há outro modo de dar-se conta da vaidade, ou desfundamentação da soberba, que o *malogro* de uma existência que se religa a seu puro *factum*. [...] malogro radical de uma vida e de uma pessoa que tentaram substantivar-se”.

### Considerações finais

O *nada*, no pensamento de Zubiri da década de 30 até 1944, está cravado na existência. O ser fundado na existência conserva sua realização ou seus supostos êxitos em si mesmo e tal suficiência se autoafirma ilusoriamente. Nessa perspectiva, o ser se desliga de tudo e reforça sua atadura em si, equivocadamente fundando-se no *nada*. Nas palavras de Zubiri (2010, p. 438, grifo do autor).

A existência que se sente desligada é uma existência *ateia*, uma existência que não chegou ao fundo de si mesma. A possibilidade do ateísmo é a possibilidade de sentir-se desligado. E o que torna possível sentir-se desligado é a ‘suficiência’ da pessoa para fazer-se a si mesma oriunda do *êxito* de suas forças para viver. O êxito da vida é o grande criador do ateísmo.

Notem que a declaração do êxito como autoatributo pessoal é o princípio explícito de conservação do ser *no nada*. No entanto, o ser como aquele que *é* afirma a conservação do ser nele mesmo. Neste argumento, podemos peremptoriamente inferir que não há mudança que faça o ser buscar seu fundamento além da sua existência. A possibilidade da religação cairia no automatismo conceptivo do *não ser*. Mas o *não ser* não existe, portanto, não há sequer Deus. Como o ser aqui está desligado e o *não ser* é uma impossibilidade, o ser é autossuficiente. A autossuficiência não muda e essa radicalidade desligada desvaloriza um fundamento que não seja ela mesma.

Diante de tudo isso, o nada é digno de apreço? Zubiri (2010, p. 439, grifo do autor) responde que o “[...] sentir-se desligado é já estar religado”. Ao se sentir desligado, está desligado de algo. Neste sentido, nenhum êxito é *teu* ou *meu*. O possível êxito está na pessoa fazer-se através da religação, *poder* além de qualquer existência que pensa fundar-se em si mesma. Como não há êxito ou poder para viver fundamentada na existência, a insuficiência da pessoa e o reconhecimento da inexistência do êxito pessoal possibilita a existência chegar ao fundo de si mesma ou a religação. Sabemos que muitas outras questões poderiam ser levantadas, entre elas, a partir dessa etapa zubiriana, um estudo sobre a monumental filosofia da graça.